XENÓ LITOS

Fragmento de rocha preexistente, envolvido
numa rocha magmática.

DOIS POEMAS DE
HEINRICH HEINE
E
SEIS POEMAS DE
FRANK WEDEKIND

— TRADUÇÃO E NOTAS VINÍCIUS MARQUES PASTORELLI

LOTOSBLUME

HEINE

*Wahrhaftig, wir beide bilden
Ein kurioses Paar,
Die Liebste ist schwach auf den Beinen,
Der Liebhaber lahm sogar.*

*Sie ist ein leidendes Kätzchen,
Und er ist krank wie ein Hund,
Ich glaube, im Kopfe sind beide
Nicht sonderlich gesund.*

*Sie sei ein Lotosblume,
Bildet die Liebste sich ein;
Doch er, der blasse Geselle,
Vermeint der Mond zu sein.*

*Die Lotosblume erschliesset
Ihr Kelchlein im Mondenlicht,
Doch statt des befruchtenden Lebens
Empfängt sie nur ein Gedicht.*

FLOR DE LÓTUS¹

HEINE

Cândido, confesso: fazemos
Um belo par.
A donzela manca das pernas,
O rapaz deu de coxear.

Ela, bichana que padece.
Ele, doente como um cão.
E, cá entre nós, eu vos digo:
Da cabeça não são muito sãos.

"Bela como a flor de lótus",
Ela ao espelho se aprecia.
E ele, pálido, sobe aos céus.
É a lua que surgia.

Como cálice à luz da lua, eis
A flor de lótus sobre a rama.
Em vez de vida succulenta,
Um poema se lhe derrama.

[1] Desfazendo clichês líricos por meio de um olhar mundano ele mesmo sujeito a crítica – de modo que figuração e perspectiva se suspendem mutuamente, um como idealismo, outro como maledicência pequeno-burguesa, ambos nivelados ao final à mesma infertilidade a que foi relegada a poesia num mundo pragmático – esse poema irônico, que se desenrola como uma espécie de idílio rebaixado, trabalha com o descompasso entre a autoimagem do casal e a suposta verdade insinuada pelo eu-lírico.

Dessa interpretação derivam algumas escolhas de tradução.

Sendo a ironia a tônica principal, trocamos o mais neutro *kurioses* (curioso) pelo sarcástico “belo” e *wahrhaftig* (verdadeiramente, sinceramente) por “cândido”.

No mesmo sentido, criamos imagens procurando dar conta da vaidade da amada e do enlevo fácil do amante. A formulação do original diz, no discurso indireto, que ela se imagina bela como uma flor de lótus, mas sugere (pelo verbo *sich einzubilden*, “imaginar-se”) que ela pode não ser (*Sie sei ein Lotosblume, / bildet die Liebste sich ein*). Na figuração criada, ela se mira ao espelho e diz a frase, no discurso direto. O mesmo no que se refere ao amante: no original, enlevado pela paixão e platonicamente distante, ele “acredita ser a lua” (*Vermeint der Mond zu sein*); em nossa tradução, reforçamos o humor do poema, apenas tomando essa mesma ideia ao pé da letra (“sobe, pálido, aos céus”).

"SAPHIREN SIND DIE AUGEN DEIN"

HEINE

*Saphiren sind die Augen dein
Die lieblichen, die süssen.
O, dreimal glücklich ist der Mann,
Den sie mit Liebe grüssen.*

*Dein Herz, es ist ein Diamant,
Der edle Lichter sprühet.
O, dreimal glücklich ist der Mann,
Für den es lieben glühen.*

*Rubinen sind die Lippen dein,
Mann kann nicht schönre sehen.
O, dreimal glücklich ist der Mann,
Dem sie die Liebe gestehen.*

*O, kennt ich nur den glücklichen Mann,
O, dass ich ihn nur fände,
So recht allein im grünen Wald,
Sein Glück hat bald ein Ende.*

“DE SAFIRA SÃO TEUS OLHOS”

HEINE

De safira são teus olhos,
Os mais dóceis e amáveis.
Ó, bem-aventurado seja aquele
Que o amor te dedicares.

No teu peito mora pérola²
Cuja nobre luz cintila.
Ó³, bem-aventurado seja aquele
Para quem a gema brilha.

De rubis são os teus lábios,
Os mais belos sobre a Terra.
Ó, bem-aventurado seja aquele
Que todo amor lhes dera.

Ó, se um dia encontro o incauto.
Ó, rapaz que a ventura brinda.
Para o verde bosque o arrasto,
Sumirá na luz que finda.

[2] Pensando que se trata aqui de outro poema irônico de amor, mas desta vez derivado de um mote do *tesouro* popular – tomado é claro segundo uma lógica de falsificação que desmente tudo o que pretende ser autêntico numa sociedade regida por dinheiro –, não haveria grande perda em trocar o campo mineralógico pelo das preciosidades de boutique, ao recriarmos *Diamant* com “pérola”. Uma vez conduzido o mesmo *locus* ao extremo, é uma lógica semelhante que faz com que o eu lírico parta da posição de admirador platônico (que contudo aquilata seu objeto de desejo) e chegue a sugerir o assassinato da concorrência, no quarteto final. Não é por outra razão que Heine vem sendo lido recentemente na mesma linha de seu contemporâneo, o Baudelaire de *Le vin de l'assassin*. Esse, quase um poema de amor desentranhado do depoimento inebriado do autor de um crime passional de notícias populares. Nesse sentido, ver OEHLER, Dolf. *Quadros Parisienses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

[3] Uma argúcia estrutural do poema é dizer em três estrofes “três vezes bem aventurado seja aquele” e guardar a conclusão demolidora para a quarta estrofe (assim ninguém pode dizer que o amor não foi três vez louvado...). De fato é um truque interessante, que soma ainda mais premeditação à malícia da voz enunciativa. No entanto, recriá-lo como “triplemente bem-aventurado” implicaria quebrar a leveza do verso com um advérbio muito extenso e de inequívoca origem culta. Por isso ficamos simplesmente com um “Ó”.

DER GEFANGENE

WEDEKIND

*Oftmals hab' ich nachts im Bette⁴
Schon gegrübelt hin und her,
Was es denn geschadet hätte,
Wenn mein Ich ein Andrer wär'.*

*Höhnisch raubten meine Zweifel
Mir die tolle Antwort zu:
Nichts geschadet, dummer Teufel,
Denn der Andre wärest du!*

*Hilflos wälzt' ich mich im Bette
Und entrang mir dies Gedicht,
Rasselnd mit der Sklavenkette,
Die kein Denker je zerbricht.*

[4] Neste como noutros poemas consideramos a estrita aderência ao esquema rímico (neste caso *abab*) um critério passível de ser rompido. A métrica, embora nem sempre coincidente (como por exemplo em *Flor de lótus*), é mantida, mas com a maleabilidade que todo poema, salvo em casos deliberados, admite

O PRISIONEIRO

WEDEKIND

Volta e meia já na cama,
Pensamentos eu remoo:
Que seria desta vida,
Se o eu meu fora de um outro?

De respostas, escarninho,
Meu pensar me deixa nu:
Nada fora, diabinho,
Se esse outro foras tu!

Desarmado estou na cama
E chacoalho estas correntes,
Que um poema não destranca,
Nem há sábio que arrebente.

BAJAZZO

WEDEKIND

*Seltsam sind des Glückes Launen
Wie kein Hirn sie noch ersann,
Dass ich meist vor lauter Staunen
Lachen nicht noch weinen kann!*

*Aber freilich steht auf festen
Füssen selbst der Himmel kaum,
Drum schlägt auch der Mensch am besten
Täglich seinen Purzelbaum.*

*Wem die Beine noch geschmeidig,
Noch die Arme schmiegsam sind,
Den stimmt Unheil auch so freudig,
Dass er's innig lieb gewinnt!*

BAJAZZO⁵

WEDEKIND

Caprichosa é a fortuna.
 Testa alguma a acompanha.
 Tanto que ante algum estalo,
 Todo riso ou choro estanca.

Mas nem mesmo o próprio céu
 Sobre os pés se equilibra.
 Nesta vida cavalgamos
 Cambalhotas dia a dia.

Se as pernas são bem destrás
 E os braços⁶ mais um pouco,
 A desgraça bate palmas
 E acalanta seu sufoco!

[5] Mantivemos o título original em italiano, pois acreditamos haver aí alguma ressonância intencional da história do teatro alemão, segundo a qual na Áustria – e em geral por influência do Sul menos sujeito ao Protestantismo –, a comédia popular sobreviveu ao processo de consolidação do drama burguês, mais associado ao Norte. Nesse sentido ver 'Ligeiro excuro pela Áustria' In: ROSENFELD, Anatol. *Teatro Alemão – 1ª parte, esboço histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968. pp.71-81.

[6] Neste poema em que, como de praxe em Wedekind, o universo do circo e das atrações populares estabelece um filtro contra o idealismo, a fim de se tratar tanto das tensões do espírito quanto das questões da vida material, há um jogo entre trágico e cômico, pensamento e corporalidade, espírito e matéria, Céu e Terra. Digamos que as irresoluções do sentimento, tanto quanto as da precariedade de sentido e de condições de vida, são contrabalanceadas pelo apego à graça da existência mundana, entrevista – por meio da metáfora do acrobata e do palhaço – nos expedientes com que os pobres vão tocando a vida. Essa parece ser a matéria que, em seu número de palhaço, o eu lírico quer celebrar, chegando inclusive a inverter potencialmente a ordem social, ou para dizê-lo num trocadilho ao seu gosto, 'pô-la de pernas para o alto'. Diante desse plano de sentido, um detalhe fundamental do original é que o radical da palavra "pobre" é semelhante ao da palavra "braço" em alemão, *Arm-*. E isso justamente num verso em que são invertidas as propriedades de rigidez das pernas – parte musculosa da anatomia, que sustenta ou exerce pressão – e de destreza dos braços – que constroem algo ou expressam-no por gestos. Não foi possível reconstituir esse trocadilho. No entanto, para não perder o sentido, confiamos no ar de sabedoria popular que o dístico "nesta vida cavalgamos/ cambalhotas dia a dia" procurou recriar na segunda estrofe.

AN EINEN DICHTER

WEDEKIND

*– Dein Schaffen war wie Gold so echt,
Solang du Modekram geschaffen.
Du gabst dem menschlichen Geschlecht
Urechten Plunder zu begaffen.*

*Doch seit ein reineres Idol
Dein ruhmbedürftig Herz begeistert,
Wie ward dein Schaffen falsch und hohl,
Aus eitel Phrasenschwulst gekleistert*

A UM POETA

WEDEKIND

– Vero teu achado como ouro
Quando modas te punhas a inventar,
Por legares aos homens deste mundo
Um lixo verdadeiro a contemplar.

Mas desde que um espírito elevado
Com fama amaciou teu coração,
No oco empastelou-se teu achado:
São frases de efeito em maçapão⁷.

[7] Num poema de Wedekind que pondera sobre as relações contraditórias entre *kitsch* e matéria poética elevada, todo o plano de sentido que encerra o poema (“empastelar”, “maçapão”) foi reconstruído de acordo com a ideia do jovem Brecht sobre a “arte culinária” (ou seja, a arte de consumo rápido), a ser contraposta à aura de autenticidade da arte em crise. Pensamos ser possível fazê-lo porque o segundo foi declaradamente discípulo do primeiro. E, ademais, porque o verbo *kleistern*, em primeira instância “colar”, pode de fato significar “grudar com massa”. Sobre a “arte culinária” em Brecht, ver sessão sobre o declínio do antigo teatro. *Schriften zum Theater I, Gesammelte Werke* 15. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1967.

DER TANTENMÖRDER

WEDEKIND

*Ich habe meine Tante geschlachtet
Meine Tante war alt und schwach.
Ich hatte bei ihr übernachtet
Und grub in den Kisten-Kasten nach.*

*Da fand ich Goldenen Haufen
Fand auch im Papieren gar viel
Und hörte die alte Tante schnaufen
Ohn' Mitleid und Zartgefühl.*

*Was nutzt es, dass sie sich noch härme
Nachts war es rings um mich her –
Ich stiess ihr den Dolch in de Därme,
Die Tante schnaufte nicht mehr.*

*Das Geld war schnell zu tragen,
viel schwerer die Tante noch.
Ich fasste sie bebend am Kragen
Und stiess sie ins tief Kellerloch. –*

*Ich habe meine Tante geschlachtet
Meine Tante war alt und schwach;
Ihr aber, o Richter, ihr trachtet
Meiner blühenden Jugend-Jugend nach.*

O ASSASSINO DA TIA

WEDEKIND

Matei minha tia esta noite,
Ela estava pela hora da morte;
Armei a tocaia na sala
Fucei em seu baú da sorte⁸.

Ali encontrei pilhas de ouro,
Papeis variados também;
Ouvindo a velha que arfava
Sem pena, desprezo ou desdém.

De que servia o seu lamentar
Que dia e noite importunava? –
Meti-lhe o punhal na jugular
E a titia já não mais arfava.

Foi bem difícil levar o dinheiro
E a velha, pesada, ainda mais.
Mas se ela tremia em meu colo,
No porão jazia em paz. –

Matei minha tia esta noite
Ela estava pela hora da morte;
Veja lá, seu juiz, se vai perseguir
O feito da minha Jovem-Jovem.

[8] Há dificuldades em compreender o sentido da duplicação de termos em *Kisten-Kasten* (literalmente caixa-caixa) e *Jugend-Jugend* (juventude-juventude), que formam uma espécie de paralelismo secreto encerrando o poema. Uma interpretação possível deste poema permite enxergá-lo em dois planos. A) Como uma espécie de elaboração-limite do conhecido *locus* romântico em que um jovem, posto em teste pelo destino na convivência clandestina com alguma entidade mágica, quebra o encanto iniciático cedendo à tentação de roubar suas preciosidades. (Nesse sentido, ver: “O loiro Eckbert” In: TIECK, Ludwig. *Feitiço de amor e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2009, pp.23-51.). B) Sendo Wedekind alguém que elaborou suas canções em cabarés, onde vigorava uma linguagem às vezes infantilizada – na verdade, linguagem marcada por uma espécie de inventiva e ingênua pecaminosidade –, ele contribuiu para esse tipo de dicção, de que as silabadas, onomatopeias e esvaziamentos absurdos de significantes fazem parte. Pode-se imaginar o assassinato da tia, nesse sentido, como uma espécie de paródia sangrenta do Romantismo, apresentado ao juiz. Daí veio nossa escolha de “baú da sorte” para *Kisten-Kasten* e de “Jovem-Jovem” para *Jugend-Jugend*.

DIE WETTERFAHNE

WEDEKIND

*Du auf deinem höchsten Dach,
Ich in deiner Nähe;
Doch die wahre Liebe, ach,
Schwankt in solcher Höhe.
Du in deinem Herzen leer,
Ich in blindem Wahne —
Dreh dich hin, dreh dich her,
Schöne Wetterfahne!*

*Unterhaltend pfeift der Wind,
Bläst uns um die Ohren;
Von des Himmels Freuden sind
Keine noch verloren!
Glaubst du, dass verliebt ich bin,
Weil ich dich ermahne?
Dreh dich her, dreh dich hin,
Schöne Wetterfahne!*

*Drehn wir uns auf hohem Turm
Immer frisch und munter!
Ach der erste Wintersturm
Schleudert dich hinunter.
Wenn dann auch verflogen war,
Was ich jetzt noch ahne...
Dreh dich hin, dreh dich her,
Schöne Wetterfahne!*

O CATAVENTO

WEDEKIND

Tu, que vives lá no alto
e eu a ti pegado;
Das alturas todo amor
tende para baixo.
O teu peito está vazio,
eu em devaneio
- Gira aí, gira aqui,
gira, catavento!

Sopra o vento brincalhão,
estoura ao pé do ouvido.
Ah, da paz na imensidão
nada está perdido.
Cuidas eu te quero bem
porque te cortejo?
- Gira aqui, gira aí,
gira, catavento!

Gira numa alta torre
a doce amizade.
Peço pra que te derrube
A prima tempestade.
Ai quem dera fosse vento
o que ainda almejo...
- Gira, aí; gira aqui,
gira, catavento!

DER ANARCHIST

WEDEKIND

*Reicht mir in der Todesstunde
Nicht in Gnaden den Pokal!
Von des Weibes heissem Munde
Lasst mir trinken noch einmal!*

*Mögt ihr sinnlos euch berauschen
Wenn mein Blut zerrinnt im Sand.
Meinen Kuss mag sie nicht tauschen,
Nicht für Brot aus Henkershand.*

*Einen Sohn wird sie gebären,
Dem mein Kreuz im Herzen steht,
Der für seiner Mütter Zähnen
Eurer Kinder Häupter mäht.*

O ANARQUISTA

WEDEKIND

Vais me achar na hora extrema,
Não em louros e troféus!
Dê-me mais um beijo, ó fêmea,
Na mortalha, sob um véu!

Quando expiro comemoras,
Se meu sangue a terra enxuga.
Mas meu beijo ela não troca,
Nem por pão na cela escura.

Filho meu ela amamenta
– Esse leva a cruz dos fortes.
Colherá da mãe as penas
e as cabeças de tua prole.

VINÍCIUS MARQUES PASTORELLI – Mestre no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP.
vmarquespastor@gmail.com

FONTE:

WEDEKIND, Frank. *Ich liebe nicht den Hundetrab – Gedichte, Bänkellieder, Balladen. Klassische Kleinebühne*. Berlin: Henschelverlag, 1971.

Para “*Saphiren sind die Augen dein*”,

HEINE, Heinrich. *Heinrich Heine's Sämmtliche Werke. Band 15*. Hamburg: Hoffmann und Campe, 1873.

Para *Lotosblume*,

HEINE, Heinrich. *Sämmtliche Werke. Nachlese zu Gedichte (1831-1848)*. München: Kindler, 1964.